



ABREU, F. Campos. O brasão de Campinas. Correio Popular,
Campinas, 08 jun. 1947.

O brasão de Campinas

(Dos Institutos Histórico e Geográfico e Heraldico Genealógico, de São Paulo)

Espera-se para breves dias a promulgação, pelo sr. dr. Prefeito Municipal de Campinas, de um Decreto-Lei, já aprovado pelo Conselho Administrativo do Estado, que restabelece o uso do brasão de Campinas, brasão esse que não é precisamente o primitivo, adotado desde fins de 1889, e que se deve à iniciativa do grande médico e campineiro adotivo que foi o dr. Ricardo Gumbleton Daunt, e sim o atualizado pelos dignos campineiros Roberto Thut e Aristides Monteiro de Carvalho e Silva, destacados membros do Instituto Heraldico Genealógico de São Paulo, e que fôra aprovado e adotado pela Resolução n.º 1001, de 25 de setembro de 1937, da nossa Câmara Municipal.

O trabalho dos conhecidos heraldistas teve em vista corrigir certas impropriedades técnicas existentes no escudo do brasão primitivo, e a sua atualização à luz de preceitos heráldicos hoje solidamente fundamentados em estudos brilhantes de heraldistas de renome, adicionando-lhe ornamentos, na parte exterior, de notória força evocativa, que além disso, aumentaram consideravelmente a estética do seu conjunto. As cores do brasão, as suas figuras e o lema, considerados de profundo e acertado simbolismo, foram conservados, mantidas, portanto, as suas armas.

O clichê acima, embora representado em uma só cor, possui graficamente as características necessárias para que os versados em heráldica possam interpretar, tais como são, os seus esmaltes e metais. Os autores do projeto assim brasonaram o escudo de que tratamos: Brasão de Campinas: Escudo português, antigo. Em Campo de Blau, um fenix de ouro renascente de sua imortalidade. Coroa mural de ouro, de quatro torres com três ameias e sua porta aberta de goles cada uma. Sobre a porta do torreão central, um escudete de Blau, carregado de um crescente de ouro. Suportes: A destra, uma haste de cana de açúcar e, à sinistra, um ramo de café frutificado, ambos de sua cor. Divisa: "Labore Virtute Civitas Floret". de ouro, em listão de Blau.

Condensem, agora, a exposição de motivos, com que os autores justificaram as modificações introduzidas no escudo, o que importa em fazer uma sucinta descrição do belo

conjunto do brasão:

Escudo português, antigo: E' o mais indicado para as nossas cidades. Usado por todas as cidades portuguesas, e na heráldica brasileira evoca a origem de nossa raça. No brasão de Campinas, o escudo português faz alusão, também, à primeira imigração de lavradores portugueses, subsidiada pelo Município, na regência de D. João VI.

Em Campo de Blau, porque o azul representa o céu, e, entre outros atributos perfeitamente cabíveis à índole do povo campineiro, indica mais os seguintes, devoção, justiça e fidelidade; vigilância, nobreza, amor da pátria, perseverança e bondade.

Uma fenix — Símbolo clássico da renascença, significa, no brasão de Campinas, o ressurgimento do Município depois das desoladoras epidemias de febre amarela que dizimaram a sua população, retendo a sua marcha ascensional de progresso. A Fenix simboliza, ainda, a imortalidade, a fama e a longevidade. E' de ouro no escudo de Campinas, porque o ouro é o primeiro e o mais nobre dos metais, e sua combinação com o azul é de grande efeito estético, e, enriquecendo sobremodo o esmalte heráldico, significa, também, justiça, clemência, elevação de alma, esplendor, glória, riqueza, benignidade, saber e liberdade.

Coroa mural de ouro — Emblema privativo das municipalidades. De ouro por ser o metal indicado para as grandes cidades. De quatro torres, de acôrdo com a perspectiva heráldica, sendo duas tores visíveis, uma ao centro e meia de cada lado. Com três ameias e sua porta de cada lado, corresponde à praxe generalizada em armaria. Caso se tratasse de cidade fortificada, a coroa seria inteiramente muralhada. Aberta de goles, porque as portas secretas nas coroas murais, quando abertas, são usualmente esmaltadas de gole.

Um escudete de Blau carregado de um crescente — O escudete invoca a proteção do orago da cidade, e lembra a fé que nele depositam os campineiros. O crescente é o símbolo atributivo de Nossa Senhora da Conceição e, segundo Vilhena Barbosa, significa o predomínio da fé cristã.

Uma haste de cana de açúcar (à destra) — Invoca o passado de Campinas, quando

em suas terras predominava a cultura da cana para o fabrico do açúcar, sendo essa atividade a sua primitiva fonte de riqueza.

Um ramo de café frutificado (à sinistra) — Invoca a riqueza do Município quando cultivava os seus extensos e maravilhosos cafezais, que o tornaram conhecido, não só em todo o país, como também no estrangeiro.

Tanto a haste de cana de açúcar com o ramo de café são representados, segundo praxe em armaria, em suas cores naturais.

Divisa: "Labore Virtute Civitas Floret" — E' a mesma divisa do brasão primitivo, sempre expressiva em sua concisão, lembrando o amor ao trabalho e as qualidades morais da gente campineira. Em letras de ouro, em obediência a convenções heráldicas que também as mandam dispor em listão de cor. Tanto a cor da divisa como a do listão, devem ser tiradas das cores do escudo. E' o que ensina o heraldista Jouffray d'Eschavannes.

Pelo resumo que acima fizemos se evidenciam a riqueza e a propriedade do simbolismo de que se reveste o brasão de Campinas, em relação às suas tradições e qualidades de seus filhos que, pelo seu amor ao trabalho e sincero culto às virtudes, fizeram-na renascer, progredir e engrandecer-se depois das terríveis epidemias que a assolaram por longos anos. Esse mesmo amor e essas mesmas virtudes estão acompanhando as gerações de campineiros que se sucedem, e por isso Campinas há de caminhar, impávida, em busca de um futuro grandioso, que outro não é o seu destino.

Congratulemo-nos, pois, com a nossa terra pelo restabelecimento do uso do seu brasão, tão rico e tão belo em suas expressões heráldicas, e felicitemos aos nossos dignos contemporâneos Roberto Thut e Aristides Monteiro de Carvalho e Silva, por termos que o seu trabalho de atualização e aprimoramento do primitivo brasão de Campinas, trabalho esse que, baseado em estudos profundos de heráldica e da história da cidade, não foi inútil como se pretendeu, por um decreto que visava sufocar a veemência com que sabemos cultivar as nossas gloriosas tradições. Elas aí estão de pé, e os verdadeiros campineiros continuam na estacada, para guarda e preservação do renome e da história do seu torrão natal, mesmo porque "Labore Virtute Civitas Floret"!

ABREU, F. Campos. O Prisão de Campinas. Conselho Popular.
Campinas, 08 jun. 1947.

